A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

LUCIMARA FAUSTINO DOS SANTOS LIMA

RESUMO

Na narração de histórias, as crianças começam a adquirir a percepção de que seus temores e incertezas diminuem gradualmente mediante o orientador que as leva a ponderar sobre os mesmos. Suas interações sociais tornam-se menos conflituosas devido a momentos de diálogo sobre os acordos estabelecidos pelo grupo, como normas de convívio e consideração mútua. A afeição emerge através do respeito ao próximo, de atitudes altruístas e afetuosas. Dessa maneira, a criança vai percebendo que a amizade é uma conquista essencial para sua rotina. Os contos de encantamento auxiliam as crianças a lidarem com sentimentos de angústia e frustração. Por meio deles, as crianças começam a compreender que adversidades podem ocorrer na vida de uma pessoa e são passageiras, pois sempre há uma pessoa benevolente, que para elas pode ser a fada, a fim de auxiliar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou até mesmo a professora. Ao longo deste artigo, busca-se abordar reflexões sobre a narração de relatos, bem como a relevância de adentrar no Mundo Infantil por intermédio dos contos de encantamento.

Palavras-Chave: Narração de histórias; Mundo Infantil; Relevância.

INTRODUÇÃO

A narrativa de contos apresenta uma distinção notável em relação à leitura de histórias, e ambas têm espaço na escola. O contador recria o enredo em conjunto com seu público, preservando algumas partes do texto, porém modificando-o de acordo com a interação estabelecida. Por outro lado, o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa e as escolhas vocabulares do autor. Frequentemente, a contação de histórias abre caminho para diversas interpretações do texto narrado. Essa prática ocorre em diversos estilos e ambientes, sendo de suma importância no contexto escolar, pois desperta o interesse dos alunos e estimula o desejo pela leitura de obras literárias. Uma história tem a capacidade de emocionar e surpreender o ouvinte por meio de sua forma narrativa. É sabido que as crianças vivenciam experiências significativas e duradouras na instituição escolar. A contação de histórias é uma dessas experiências que contribuem para a manutenção do interesse pela literatura além da infância. Por isso, é crucial proporcionar oportunidades para que as crianças ouçam diversas histórias, sejam elas lidas ou contadas de memória.

Qualquer professor pode se tornar um contador de histórias. Inicialmente, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Gradualmente, ele se apropriará das narrativas e sentirá vontade de contar aquelas que mais lhe agradam. Cada contador, com base em suas habilidades, desenvolverá sua própria forma de contar histórias, conferindo-lhes vida. Algumas sugestões são relevantes para quem deseja se aventurar na arte da contação de histórias: é recomendável realizar uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando compreender seu significado mais profundo, ou seja, sua essência; também é interessante dividir o conto em cenas ou partes principais, identificando a estrutura narrativa; por fim, é importante conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam ao longo da sequência narrativa.

OS RELATOS ENCANTADOS

A atmosfera dos relatos encantados só se torna otimista quando estabelecemos uma distinção entre a infância e a vida adulta. "A concepção da infância surgiu no século XVIII, quando as residências foram divididas em quartos, salas e cozinhas, e as responsabilidades e interesses passaram a ser compartimentalizados. Foi nesse momento que os contos de fadas foram redimidos e se enfatizou o final feliz", afirma Antônio Edmílson. Foi nesse contexto histórico que entraram em cena Perrault, os irmãos Grimm e, posteriormente, Andersen. Eles não foram os primeiros a registrar as histórias camponesas, mas foram os mais bem-sucedidos em adaptá-las aos gostos da nobreza e das crianças. Perrault, por exemplo, inseriu comentários sobre os costumes e a moda da elite em suas versões, conferindo uma identidade à nação francesa.

O que o escritor fez em sua obra "Contos da Mamãe Gansa", de 1697, foi, de certa forma, o que os narradores faziam nas aldeias: adaptaram um fio condutor que fosse relevante para sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de conteúdo sexual e acrescentando a "moral da história". A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma característica que atravessa o tempo.

Por exemplo, em uma história chinesa do século IX, uma jovem chamada Yeh-Hsien é auxiliada por um peixe mágico, que lhe concede sapatos de ouro para o festival da aldeia. No caminho de volta para casa, ela perde um dos sapatos, que acaba nas mãos do governante local. No desfecho, o líder apaixona-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com os costumes chi-

neses de amarrar os pés das meninas para que não cresçam.

As diferenças culturais são evidentes, mas é possível reconhecer as origens de Cinderela nesse conto. "Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um, conta a arte de narrar contos de fadas se distingue da prática de ler tais histórias, e ambas têm espaço no ambiente escolar.

O narrador recria a história junto com seu público, preservando alguns elementos do texto, mas modificando-o com base na interação estabelecida com os ouvintes. Por outro lado, o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa e as escolhas vocabulares do autor.

Muitas vezes, a contação de histórias abre caminho para múltiplas interpretações do texto contado. Essa prática é realizada em diversos estilos e locais, e desempenha um papel fundamental na escola, despertando o interesse dos alunos e estimulando o desejo de ler obras literárias. Uma história tem o poder de emocionar e surpreender o ouvinte por meio de sua forma de narrativa. É sabido que as crianças vivenciam experiências significativas e duradouras na instituição escolar.

A contação de histórias é uma dessas experiências que contribuem para cultivar o amor pela literatura além da infância. Portanto, é importante proporcionar às crianças oportunidades de ouvir diversas histórias, que podem ser lidas ou contadas de memória.

Qualquer professor pode se tornar um contador de histórias. No começo, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Com o tempo, ele se apropriará das narrativas e começará a desejar contar aquelas que mais aprecia. Cada contador, utilizando suas habilidades, encontrará sua própria maneira de contar histórias e as trará à vida. Algumas sugestões são relevantes para aqueles que desejam se aventurar na arte de contar histórias: é recomendável realizar uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando compreender sua essência mais profunda; é interessante dividir o conto em cenas ou partes principais e identificar a estrutura narrativa; por fim, é importante conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam ao longo da narrativa.

CONTOS DE FANTASIA

A história vai perdendo sua característica de saga local e se transforma em Contos de Fadas, como nos fala FRANZ:

> Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com BETTELHEIM (1979, p.34), apenas pode afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré - literata.

> Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (Bettelheim, 1979, p. 34)

Dessa forma, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Corso (2006, p. 29):

> A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (1998), a obra mais famosa de Perrault foi intitulada “Os Contos da Mãe Gansa”, sendo que esta era uma personagem (Mère l’Oye) de velhos contos populares, muito familiares aos franceses: sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados.

> Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiqüíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) nos apresentam atributos adicionais encontrados nos contos de Andersen, que o estabelecem atualmente como o progenitor da literatura infantil: "a literatura significa três vértices cruciais que tornam a obra de An-

dersen incomparável: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e narrativas em que a criança assume o papel principal" (2009, p.137).

Coelho (1998, p.78) conclui afirmando: "Em última análise, percebe-se em todos os contos de Andersen o esforço de racionalizar o reino da imaginação, visando a melhoria de uma realidade mais gratificante para todos os indivíduos".

Modelos autoritários ultrapassados, nos quais a criança é apenas uma receptora passiva de normas, devem ceder lugar a obras literárias emancipatórias, que concedem à criança um papel ativo e se esforçam para cultivar e estimular sua capacidade de pensamento crítico, possibilitando que se tornem agentes transformadores. A literatura instiga as crianças a questionarem seu lugar no mundo, considerando que a consciência do mundo surge quando a criança consegue estabelecer uma conexão com um livro e, por meio dele, construir significado para sua própria realidade. No entanto, é importante ter em mente que, no caso da literatura infantil, essa mediação entre o leitor e o livro pode ser facilitada por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (COELHO, 1987, p. 29)

Diversos escritores, ao abordar o tema da imaginação, buscam descrevê-la por meio de conceitos. Conforme Girardello (2011, p.76), a imaginação é "um espaço de liberdade e de lançamento em direção ao possível, seja ele realizável ou não, para a criança".

Todas essas formas de narrativa fazem parte das histórias originadas entre os povos antigos, que, mescladas, confundidas e transformadas, se espalharam por todo lugar e persistem até os dias de hoje como uma rede.

Não é possível diferenciar precisamente o mito do conto folclórico. Segundo Bettelheim (1979), apenas podemos afirmar que ambos derivam de uma sociedade pré-literária.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1979, p. 34)

Dessa forma, ao explorarmos os Contos de Fadas, somos capazes de discernir os temas que permeavam as mentes de nossos predecessores. As vivências e experiências que sustentaram a humanidade foram transmitidas a nós por meio das narrativas presentes nesses contos, em uma linguagem acessível que oferece significado em todas as fases da vida.

De acordo com Albino (2010, p. 4):

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação: histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Diversas modalidades de narrativa são oriundas das histórias criadas pelos grupos da Antiguidade, as quais, à medida que passavam por transformações, se disseminaram por todos os cantos e subsistem até os tempos contemporâneos em todos os territórios do globo.

Segundo Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos coma e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

Os contos de fadas desempenham um papel essencial no desenvolvimento e na educação das crianças, atuando como expressões simbólicas que despertam uma variedade de emoções.

Ao ouvirem histórias, as crianças embarcam em uma jornada verdadeiramente inesgotável de descobertas e compreensão do mundo, capacitando-se a compreender os outros e facilitando uma interação gratificante e significativa.

Conforme Franz (1981, p. 33):

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

É possível observar que os contos de fadas são influenciados pelo contexto político em que o país se encontra, constituindo-se também como uma maneira de expressar opiniões por meio de metáforas que denunciam os governos.

Conforme Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato é reconhecido como o pioneiro da literatura voltada ao público infantil, construindo universos e criaturas fantásticas por meio das emocionantes jornadas de seus personagens. Sua obra continua a estimular a imaginação das crianças que têm contato com seus escritos, mesmo nos dias contemporâneos.

Conforme Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Assim, na atualidade, a literatura preserva os elementos narrativos dos contos de fadas, abordando questões relacionadas aos desafios do cotidiano por meio de livros adaptados às demandas sociais.

A IMPORTÂNCIA DE CONTAR E OUVIR UMA HISTÓRIA

Conforme a perspectiva de Freud (citado por Fromm, 1962), todo sonho representa uma expressão significativa da vida interior e sua interpretação é uma via para compreender o inconsciente. Freud (citado por Fromm, 1962:17) identificou que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo um fenômeno humano universal. Nas histórias, a sucessão de eventos retrata a experiência interna do herói - uma história subjacente - por meio de uma linguagem simbólica.

Quando as crianças leem ou ouvem histórias, elas entram em contato com seu material inconsciente ou subjacente, pois ao se identificarem com os personagens, são capazes de avaliar as situações de uma maneira mais distanciada. Ao se conectarem com os processos internos e se identificarem com os personagens, os contos permitem que as crianças se vejam "de fora" da situação, proporcionando uma perspectiva mais ampla para perceber o problema apresentado e as sugestões para sua resolução.

É importante ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, pode haver uma fixação excessiva em certos aspectos que não existem em relatos mais antigos.

As histórias podem auxiliar as crianças a elaborar e superar dificuldades psicológicas complexas, pois oferecem possibilidades de construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade. Cada história possui uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente, e mesmo que a criança não expresse sua compreensão da mensagem contida na história, isso não significa que ela não tenha assimilado.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou permitir que ela o leia sozinha, é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o mundo infantil, pois atuam como uma mediação entre a criança e a realidade, contribuindo para a resolução de conflitos e para a estruturação da personalidade por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas e os relatos preservam a estrutura onírica, com deslocamento e simbolização. Desse modo, pode-se afirmar que

a prática de contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, principalmente, o desejo de relatar os sonhos, indícios de uma vida imaginativa mais intensa.

Observa-se que quando uma criança, ou até mesmo um adulto, lê ou escuta uma história, vivencia experiências diversas e desperta a imaginação, estabelecendo uma conexão entre a narrativa e sua vida real.

As histórias e os contos de fadas contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, e na cultura brasileira, exercem uma influência significativa. Através dos contos de fadas, é possível observar questões internas dos indivíduos, principalmente das crianças, e suas representações em qualquer sociedade.

A literatura reflete a cultura de um povo, sendo fundamental para ser explorada no universo infantil. Os contos de fadas trazem informações sobre tempos antigos, nos quais se percebem diversos estilos de vida, criações e outros elementos, que possibilitam uma evolução contínua, transmitida de geração em geração.

A inclusão de elementos mágicos, personagens em busca de tesouros, heróis com habilidades especiais, entre outros, desperta a curiosidade da criança em relação ao mundo literário, indo além de uma simples história e abordando aspectos emocionais de cada indivíduo.

Conclui-se que, ao participar da leitura dessas histórias, a criança acredita que seus conflitos também podem ser solucionados da mesma forma, pois, ao se familiarizar com as questões apresentadas nos contos, ela compreende melhor o que se passa em seu eu inconsciente. Além disso, as histórias oferecem novas dimensões à imaginação da criança, que ela não poderia descobrir por si só, percebendo que as situações apresentadas são semelhantes às suas, mas com a presença do maravilhoso, sempre terminando com a frase "e viveram felizes para sempre". Isso permite que ela acredite no que o conto narra, pois a forma mágica e otimista de enxergar o mundo apresentada na história está de acordo com sua visão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KUPSTAS Márcia. et al. Sete faces do conto de fadas. São Paulo: Moderna, 1993.

MIRANDA Marília Gouvêa. O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança. In: Psicologia social: O homem em movimento. LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.